

TER_Miriam Leitão _QUA_Zeina Latif _QUI_Miriam Leitão _SEX_Rogério Werneck (quinzenal) _Fabio Giambiagi (quinzenal) _SAB_Carlos Góes (quinzenal) _Cláudio Ferraz (mensal) _Vilma Pinto (mensal) _DOM_Miriam Leitão

ZEINA LATIF



oglobo.com.br/economia
economia@oglobo.com.br

Inflação em 10%, e sem trégua

A inflação superou a barreira dos 10% ao ano em setembro, algo não visto desde o governo Dilma. O pior já passou? Não exatamente. Nas variações anuais é possível que sim, porque a base de comparação daqui para frente será maior (foi justamente em outubro de 2020 que a inflação começou a acelerar). Do ponto de vista do consumidor, porém, que sente a alta dos preços a cada mês, o quadro preocupa.

Analistas costumam destrinchar a inflação para identificar os principais condicionantes da alta e, assim, traçar cenários. Os vilões seriam vários: a falta de insumos encarecendo produtos industrializados; choques climáticos tornando a alimentação mais cara; a crise

de energia majorando a conta de luz; a alta de derivados de petróleo no mercado internacional elevando os preços nas bombas; o menor isolamento social pressionando os serviços; e a alta do dólar pressionando tudo. Em breve, a lista poderá ser acrescida com outros itens, como a alta de alugueis, cujos contratos deverão voltar a ser corrigidos pelo IGP-M passada a pandemia.

Quando a lista é extensa é porque há problemas mais profundos, que não serão superados rapidamente. Não se trata de um conjunto de choques transitórios que, por falta de sorte, resolveram aparecer todos juntos.

Alguns daqueles itens são de fato fruto de choques aleatórios (exógenos), que por sua vez não justificariam, por si só, a alta de juros pelo Banco Central, devendo ser acomodados — é para isso que existe o intervalo de tolerância da meta de inflação (desvio de 1,5 pp, para mais e para menos, em relação à meta central, de 3,5% em 2022). Nessa situação, a tarefa do BC é monitorar efeitos secundários dos choques, que precisam ser combatidos. Um exemplo cotidiano: a quebra de produção de tomate (efeito primário) gerando aumento de preços do molho em lata, e assim por diante (efeito secundário).

Há sinais de efeitos secundários se materializando, o que sugere uma inflação ainda elevada adiante. Nota-se uma maior rigidez da

inflação e alguns sinais de repasses de custos, por exemplo, na alimentação fora do domicílio, que está acima do padrão dos últimos anos, acumulando alta de 7,4% em 12 meses.

Há uma certa tendência de categorizar muitos desses eventos acima como choques exógenos puros, o que não é correto, pois em parte podem resultar de problemas de gestão governamental; são em parte auto infligidos (endógenos). Por exemplo, a má gestão do setor de energia torna o país mais vulnerável à hidrologia. Não que o BC não deva acomodar o aumento da tarifa de energia, mas precisa levar em consideração esses problemas, que afetam o potencial de crescimento de longo prazo, no desfecho de suas estratégias. Ora, se há gargalos de infraestrutura, eles precisam ser incorporados aos modelos do BC, pois poderão exigir juros mais elevados do que se imaginava.

Outro exemplo é a pressão cambial. Ela não reflete em sua totalidade um choque mundial, pois a cotação do dólar está muito distante do que seria o sugerido pelo cenário internacional. O diferencial indica a existência de fatores internos, no caso, erros na gestão da economia e a elevada incerteza na política.

Da mesma forma que o câmbio é impactado, outros preços diretamente atrelados a ele também, como combustíveis.

Vale ainda citar que a alta do dólar tem uma natureza diferente; não se compara, por exemplo, com uma quebra de safra (choque de oferta). O primeiro trata-se de um choque que estimula a demanda na economia (exportações sobem e importações caem), o que precisa entrar na conta do BC; no segundo, as exportações caem, não demandando a mesma resposta de política monetária.

Não convém muitas certezas sobre o comportamento futuro do dólar, porque os fatores que pressionam a moeda continuam presentes, sem perspectiva de correção neste mandato presidencial, notadamente a gestão das contas públicas. Ademais, o ambiente eleitoral está muito em aberto. A depender das composições políticas, o grau de incertezas em 2022 poderá ser o maior desde a campanha de 2002.

Finalmente, entendo que ainda há pressões de custos relevantes na economia, no atacado e no varejo, enquanto a inflação mundial — também resultante de estímulos em excesso — não dá trégua por ora. Não, o pior não passou.

P.S.: É preciso afastar o julgamento precipitado do ministro Paulo Guedes e do presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto.

Ao FMI, Guedes afirma que inflação está em alta no mundo todo

Em Washington, ministro defenderá em discurso que avanço global dos preços é puxado por 'forte recuperação da demanda'

FERNANDA TRISOTTO
E DANIEL GULLINO
economia@oglobo.com.br
BRASILIA

O ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmou ontem que a inflação está alta no mundo todo e que metade do indicador é pressionado pelos custos com comida e energia. Ele está em Washington para participar da reunião semestral do Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial. O tom da fala do ministro sobre a inflação, adotado durante entrevistas à imprensa internacional, irá se repetir na declaração de Guedes durante o 44º encontro do Comitê Monetário e Financeiro Internacional do FMI.

“A renovação de restrições relacionadas à pandemia, combinada com uma forte recuperação na demanda, levou a gargalos de abastecimento global, reduzindo o ritmo de recuperação e aumentando a pressão sobre a inflação”, diz o discurso de Guedes divulgado por sua assessoria.

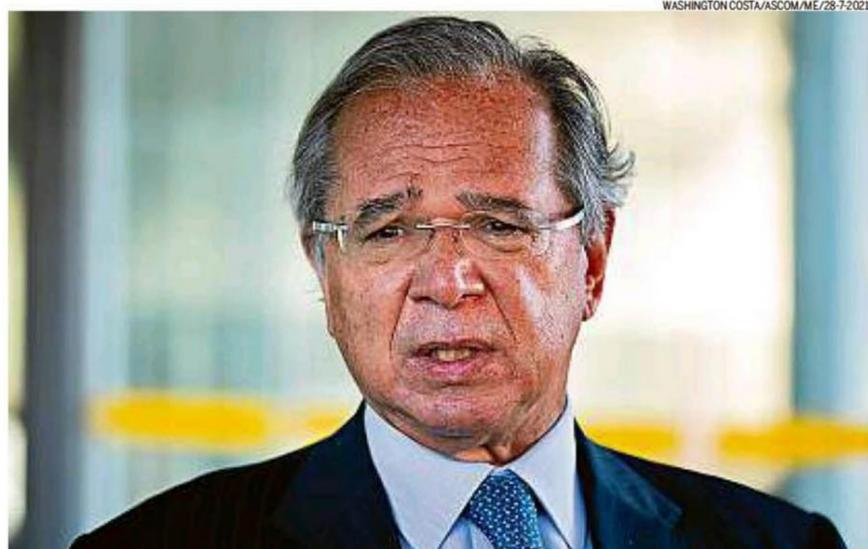
Na declaração, o ministro afirma que a inflação dos preços de bens e alimentos tem sido significativa e cita ainda o “aumento acentuado dos preços de energia”.

PROTEÇÃO AOS MAIS POBRES
Guedes também afirmou ao FMI que diversos bancos centrais de países emergentes estão endurecendo suas políticas monetárias para

conter a alta dos preços e impedir que o crescimento seja afetado. Em relação ao Brasil, disse que o país lidou com o impacto da Covid-19 “muito melhor do que o esperado” e que está “bem posicionado para uma recuperação robusta e duradoura” da economia.

Em entrevistas ontem nos EUA, Guedes foi perguntado sobre a preocupação com a alta dos preços.

—A inflação está em todo o mundo. Metade da inflação é exatamente em comida e alimentação. É por isso que a proteção (aos mais pobres) continua lá. Nós mantivemos a proteção. Nós vamos aumentar nossas transferências de renda diretas para as pessoas mais pobres,



Lá fora. Durante entrevista nos EUA, Guedes falou pela 1ª vez sobre a questão da offshore: “Eu não fiz nada de errado”

exatamente para elas pagarem por preços mais altos de comida e energia — afirmou o ministro em entrevista à CNN Internacional.

Nos últimos 12 meses, encerrados em setembro, a inflação medida pelo IPCA atingiu 10,25%, segundo o IBGE.

Guedes também foi perguntado sobre a revelação, feita pelo projeto Pandora Papers, de que tem uma empresa fora do país (offshore) instalada em paraíso fiscal. Foi a segunda vez que ele falou sobre o assunto, mas a primeira em entrevista.

— Eu não fiz nada de erra-

do — garantiu, acrescentando que tudo foi declarado à Receita Federal e registrado no Banco Central.

Não é ilegal ter uma empresa em paraíso fiscal desde que a operação seja declarada às autoridades.

O ministro ainda destacou o compromisso com o meio ambiente e afirmou que o país apresentará um plano de desenvolvimento verde bilionário durante a COP-26, que começa no fim deste mês em Glasgow.

Em outra entrevista, dessa vez à agência Bloomberg, ele foi perguntado sobre a possibi-

lidade de prorrogar o auxílio emergencial, concedido aos mais vulneráveis durante a pandemia, cuja última parcela está prevista para este mês. A prorrogação é desejada pela ala política do governo.

— Somente (será prorrogado) se uma nova variante entrar em ação. Se houver um aumento na doença, nós faremos o mesmo que fizemos antes: vamos ampliar os gastos e aumentar as camadas de proteção para os cidadãos mais vulneráveis. Não é o que vai acontecer. O Brasil vai crescer no próximo ano — disse o ministro.

Preços só devem recuar em 2022, diz Fundo

Instituição alerta para risco de inflação no mundo e eleva projeção de indicador no Brasil a 7,9%

WASHINGTON

A inflação dos países desenvolvidos e emergentes ainda tem espaço para subir este ano, e os preços só devem voltar a seu patamar pré-pandêmico em meados de 2022, alertou ontem o Fun-

do Monetário Internacional (FMI), que divulgou os novos Panorama Econômico Mundial e Relatório de Estabilidade Financeira Global.

“Na maior parte dos casos, o aumento da inflação reflete descasamentos entre oferta e demanda, em decorrência da pandemia, além de preços maiores das commodities, frente ao baixo patamar de um ano atrás”, afirma o Panorama Econômico Mundial.

BCS DEVEM SE PREPARAR
O Panorama, no entanto, ressalta que emergentes e países pobres devem sofrer mais tempo com a inflação, “por causa de preços elevados de alimentos, efeitos retardados da alta dos preços do petróleo e depreciação cambial, que puxa os preços

de produtos importados.”

O FMI lembra que os preços globais dos alimentos subiram cerca de 40% desde o início da pandemia, o que impacta principalmente os emergentes, onde os alimentos têm forte peso no consumo das famílias.

Com relação ao Brasil, o Fundo elevou as projeções para a inflação este ano para 7,9%, contra 4,5% em 2020. Apesar da revisão, a estimativa ainda está abaixo das previsões do mercado local. O Boletim Focus, compilado pelo Banco Central junto a investidores, projeta a inflação em 8,59% no fim do ano.

Ainda que projete a desaceleração da inflação no ano que vem, o Fundo alerta para alguns fatores de risco. Um deles é o surgimento de uma no-

va variante, mais agressiva, da Covid-19 antes que a maior parte da população global esteja totalmente vacinada.

O outro risco é os problemas na cadeia de suprimentos se prorrogarem por mais do que o esperado, ou forem piores que o previsto, pois isso manteria as pressões sobre os preços e sobre as expectativas de inflação.

Por isso, diz o FMI, é essencial que os bancos centrais tenham “comunicação clara, combinada com políticas monetárias e fiscais adequadas, feitas sob medida para os contextos específicos de cada país”. Segundo o Fundo, elas poderiam evitar que o “medo da inflação” afete as expectativas.

No Panorama, o Fundo observa ainda que os BCs precisam estar preparados



Permanência. Kristalina Georgieva recebeu voto de confiança do conselho

para agir “se a recuperação for mais rápida que o esperado ou se os riscos de maiores expectativas de inflação se tornarem tangíveis.”

SEM MUDANÇA NO COMANDO
Também ontem, o conselho executivo do FMI decidiu que Kristalina Georgieva permanecerá no cargo de diretora-gerente. O conselho analisou as acusações de que ela teria influenciado indevidamente a classificação do Banco Mundial, quando lá

trabalhava, sobre o clima de negócios da China. E afirmou que “reafirma sua plena confiança” em Georgieva.

Em 16 de setembro, relatório encomendado pelo Banco Mundial a um escritório de advocacia concluiu que Georgieva pressionou subordinados para elevar artificialmente a posição da China no ranking Doing Business, que mede o ambiente de negócios nos países. Ela nega as acusações. Após o escândalo, o Banco Mundial encerrou o ranking.

A líder em gestão ambiental.

ambipar.com